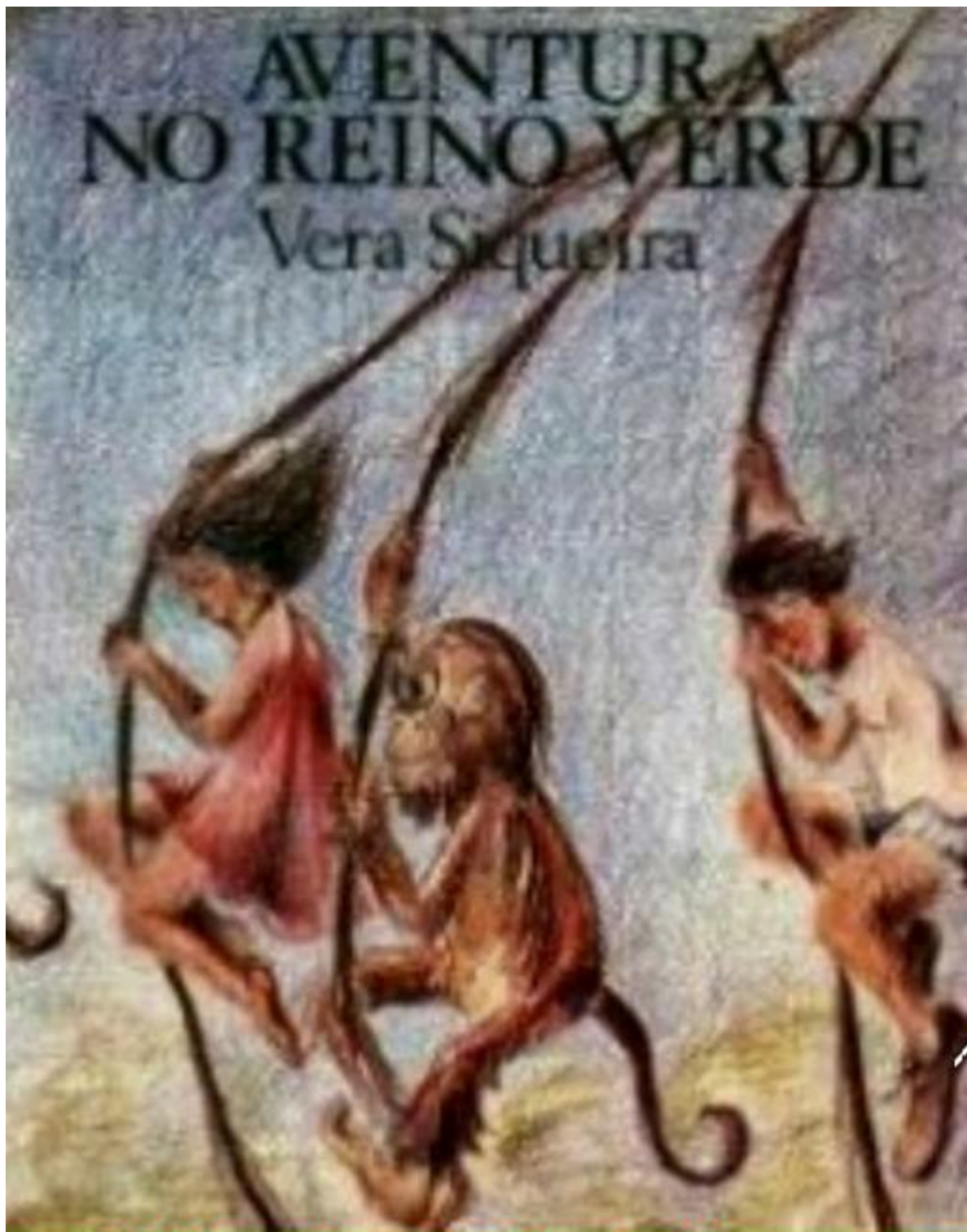


AVENTURA NO REINO VERDE

Vera Siqueira



Ridendo Castigat Mores

Aventura no Reino Verde
Vera Siqueira

Edição
Ridendo Castigat Mores

Fonte Digital

<http://www.jahr.org>

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”

Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyright:

© 2000 — Vera Maria Ferraz de Siqueira
Todos os direitos reservados

A AUTORA

Minha cidade natal chama-se Serra Negra, no interior do Estado de São Paulo, muito conhecida pelas suas águas, das mais radioativas do Brasil. Aí eu morei num casarão do Largo da Matriz. A chave da porta era enorme. E eu ficava imaginando que a chave de São Pedro deveria ser daquele tamanho... Nos fundos do casarão tinha um quintal, onde até passava um rio. E o que eu brincava, tanto no quintal quanto no Largo, nem pode ser descrito: correrias, esconde-esconde, acusado...

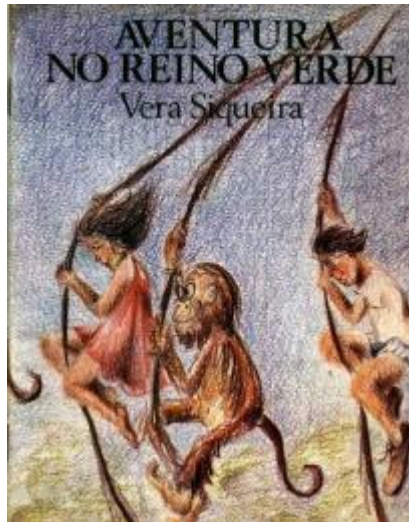
Minha mãe e minhas tias eram grandes contadeiras de estórias. Eu adorava ouvi-las e pensava: “Um dia ainda vou inventar as minhas também”.

Dito e feito. Cresci, morei em várias cidades do interior, fiz Magistério, estudei na USP, onde me graduei e pós-graduei, sempre escrevendo estórias, a maioria delas até hoje guardadas na gaveta.

Mãe sete vezes, é claro que minhas crianças ouviram quase todas, principalmente à hora de dormir. Mesmo agora, estando elas

já criadas e crescidas, ainda invento estórias. Misturo lembranças de minha infância com fatos ocorridos em outros lugares e casos que ouço contar. Como me interessa muito pelo nosso Folclore (cultura popular, você sabe), sempre coloco alguma coisa dele no que escrevo.

Vera Siqueira
(1927-1988)



(Prêmio Câmara Municipal de São Paulo – 1987)

**“VAMOS DAR A MEIA VOLTA
VOLTA E MEIA VAMOS
DAR...”**

Para três crianças muito queridas:

*Vera Alice,
John III e
Alexander.*

OS GÊMEOS

Era uma vez dois irmãozinhos gêmeos que moravam numa vila, perto da floresta Amazônica. Deviam ter uns nove anos, mais ou menos. Eram pobres, habitavam numa barraca humilde e viviam com a tia Zefa, mulher má, que judiava deles.



Os dois eram muito amigos e unidos. E chamavam, um ao outro, de “Maninho” e “Maninha”.

Ela era uma pequena franzina, rosto comprido e magro, pele cor de cobre, olhos grandes e assustados, cabelo corrido, despenteado, com uns fios caídos na testa. Sua roupa era, geralmente, camisola curta de chita. E tinha os pés descalços.

Ele era igualzinho à irmã (pudera! eram gêmeos!). Vestia, quase sempre, calção de riscado grosseiro e blusa que ele mesmo remendava. Usava uns sapatos enormes que mais pareciam lanchas. Ganhou-os do dono

da venda que, por sinal, tinha os pés muito maiores que os dele... Mesmo assim, esses sapatos eram seu orgulho.

Um dia a menina disse ao irmão:

— Tia Zefa maltrata tanto nós dois... A gente tem de cozinhar, limpar o rancho, tratar das criações. E ainda carregar lenha pesada o dia todo. Quando não é isso, é pegar na enxada ou cuidar da roça de mandioca. Nem dá tempo de brincar.

— Se fosse só isso, ainda não era tão ruim — respondeu o menino. — O pior são os maus-tratos, os castigos, as surras... isto que é triste. Mão pesada a dela! Olhe só o meu braço, cheio de manchas roxas. Ela olhou, olhou e perguntou:

— Sabe de uma coisa? Vamos embora? A floresta está aí, é tão grande... Quando vou buscar lenha, fico pensando como deve ser bom ir andando, andando, por lá. Maninho riu:

— Sabe, eu também penso nisso. Engraçado.

E Maninha, enquanto tentava fazer uma bola de trapos, comentou:

— Engraçado, nada. Pois a gente não é gêmeo? O que um pensa, outro pensa também.

— Maninho pegou a bola das mãos da irmã, começou a jogá-la e foi dizendo: — É mesmo. E onde vai um, vai outro, não? Tia Zefa diz sempre: “Esses dois são corda e caçamba”.

A menina era resolvida e decidiu:

— Pois vamos embora juntos!

Ficaram os dois sentadinhos no chão, pensando. Era difícil poderem ficar um pouco assim folgados, mas a tia havia saído e eles aproveitaram para descansar e fazer planos.

EM BUSCA DO DESCONHECIDO

Manhãzinha ainda, tia Zefa roncava, talvez cansada de uma longa caminhada que fez na véspera. A menina chamou, baixinho, o irmão:



— Vamos, Maninho?

— Psiu! — fez o menino. Foram para fora do barraco e ele comentou:

— Fazia uma porção de tempo que estava acordado, esperando. Eu ouvi a “Maria já é dia” cantar. Passarinho engraçado esse, parece despertador!

— Muito antes dele cantar, eu já estava acordada. Tudo pronto?

— Há que tempo!

Caminhavam pé ante pé. Estava escuro ainda.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

